

LEITURAS CRÍTICAS SOBRE AXIOLOGIA E EDUCAÇÃO EM NGOENHA COMO SUBSTRATO LIBERTÁRIO DO HOMEM NEGRO NA MODERNIDADE

CRITICAL READINGS ON AXIOLOGY AND EDUCATION IN NGOENHA AS A LIBERTARIAN SUBSTRATE OF THE BLACK MAN IN MODERNITY

LECTURAS CRÍTICAS SOBRE AXIOLOGÍA Y EDUCACIÓN EN NGOENHA COMO SUSTRATO LIBERTARIO DEL HOMBRE NEGRO EN LA MODERNIDAD

Belito Vasco Francisco¹

Universidade Licungo (UniLicungo), Moçambique

RESUMO

O presente artigo tem como título *Leituras Críticas sobre Axiologia e Educação em Ngoenha como Substrato Libertário do Homem Negro na Modernidade*. Pretende-se reflectir sobre as contribuições axiológicas e educacionais que Ngoenha apresenta como substrato libertário do Homem negro, sobretudo moçambicano face aos desafios modernos. Em Moçambique, os aspectos da axiologia e educação tiveram um percurso não abonatório, onde em primeiro lugar com a chegada dos europeus, os valores das culturas foram negados e postos fora do sistema educativo da época, referimos a Educação Colonial. Em segundo lugar um grupo de europeus os ditos missionários específicos da Missão Suíça, optam por considerar os valores africanos como base, para as suas actividades da propagação da fé, aprendendo as línguas moçambicanas que depois seguiram com a evangelização e educação destas comunidades, estamos perante Educação Missionária. Em terceiro lugar, foi quando os moçambicanos alcançaram a sua independência e uma vez que o processo educativo encontrava-se nas mãos dos portugueses e estes tendo sido regressados à sua pátria, começa com muitos problemas de encontrar quadros qualificados que pudessem tomar o processo educativo para diante. Para tal, foram recrutados os estudantes da geração 8 de Março para cobrir com a formação, mesmo sem vocação para docência. Como resultado, assistiu-se uma educação não a altura desejada com muitas reprovações bem como os problemas da rede escolar. Isto obrigou a mudanças curriculares, novas políticas educativas devido ao aparecimento dos doadores que ditaram suas políticas (a massificação e educação para todos) estamos perante a Educação Liberal.

¹Licenciado em História e Filosofia pela Universidade Pedagógica UP (Beira), mestre em Educação/Ensino de Filosofia pela mesma UP (Maputo) Moçambique, é docente de Filosofia da Educação, Filosofia da História, Hermenêutica, Ética e Deontologia Profissional, Antropologia Cultural, Introdução à Filosofia na UniLicungo - Quelimane e doutorando em Filosofia.

Palavras-chave: Axiologia, Educação, Homem negro, Modernidade, Ngoenha.

RESUMEN

Este artículo se titula Lecturas críticas sobre axiología y educación en Ngoenha como sustrato libertario del hombre negro en la modernidad. Se pretende reflexionar sobre los aportes axiológicos y educativos que Ngoenha presenta como sustrato libertario del hombre negro, especialmente mozambiqueño frente a los desafíos modernos. En Mozambique, los aspectos de axiología y educación tuvieron un camino poco halagüeño, donde en primer lugar con la llegada de los europeos, los valores de las culturas fueron negados y colocados fuera del sistema educativo de la época, nos referimos a la Educación Colonial. En segundo lugar, un grupo de europeos, los llamados misioneros específicos de la Misión Suiza, optan por considerar los valores africanos como base para sus actividades de propagación de la fe, aprendiendo las lenguas mozambiqueñas que luego siguieron con la evangelización y educación de estas comunidades, estamos ante la Educación Misionera. En tercer lugar, fue cuando los mozambiqueños lograron su independencia y como el proceso educativo estaba en manos de los portugueses y fueron devueltos a su patria, comenzó con muchos problemas para encontrar personal calificado que pudiera llevar adelante el proceso educativo. Para ello, se reclutaron estudiantes de la generación del 8 de marzo para cubrir la formación, aún sin vocación docente. Como resultado, hubo una educación que no estaba a la altura deseada con muchos fracasos, así como los problemas del sistema escolar. Esto obligó a cambios curriculares, nuevas políticas educativas debido a la aparición de donantes que dictaron sus políticas (masificación y educación para todos) nos enfrentamos a la Educación Liberal.

Palabras clave: Axiología, Educación, Hombre negro, Modernidad, Ngoenha.

ABSTRACT

This article is entitled Critical Readings on Axiology and Education in Ngoenha as a Libertarian Substrate of the Black Man in Modernity. It is intended to reflect on the axiological and educational contributions that Ngoenha presents as a libertarian substrate of the black man, especially Mozambican in the face of modern challenges. In Mozambique, the aspects of axiology and education had an unflattering path, where in the first place with the arrival of the Europeans, the values of cultures were denied and placed outside the educational system of the time, we refer to Colonial Education. Secondly, a group of Europeans, the so-called missionaries specific to the Swiss Mission, choose to consider African values as the basis for their activities of propagating the faith, learning the Mozambican languages that then followed with the evangelization and education of these communities, we are facing Missionary Education. Thirdly, it was when the Mozambicans achieved their independence and since the educational process was in the hands of the Portuguese and they were returned to their homeland, it began with many problems of finding qualified staff who could take the educational process forward. To this end, students from the March 8 generation were recruited to cover the training, even without a vocation for teaching. As a result, there was an education that

was not at the desired height with many failures as well as the problems of the school system. This forced curricular changes, new educational policies due to the appearance of donors who dictated their policies (massification and education for all) we are facing Liberal Education.

Keywords: Axiology, Education, Black man, Modernity, Ngoenha.

1 INTRODUÇÃO

Axiologia e Educação são elementos fundamentais e inseparáveis na formação intelectual e física do homem na sua sociedade como membro. O presente artigo tem como título *Leituras Críticas sobre Axiologia e Educação em Ngoenha como Substrato Libertário do Homem Negro na Modernidade*. Pretende reflectir sobre as contribuições axiológicas e educacionais que Ngoenha apresenta como substrato libertário do Homem negro, sobretudo moçambicano face aos desafios modernos.

A educação sendo um processo no qual a sociedade prepara seus membros para vida futura, garantindo a continuidade e desenvolvimento, ela é dinâmica nos valores e procura estratégias melhores para responder os desafios que a sociedade enfrenta na época.

Em Moçambique, os aspectos da axiologia e educação tiveram um percurso não abonatório, onde em primeiro lugar com a chegada dos europeus, os valores das culturas foram negados e postos fora do sistema educativo da época, referimos a Educação Colonial. Em segundo lugar um grupo de europeus os ditos missionários específicos da Missão Suíça, optam por considerar os valores africanos como base, para as suas actividades da propagação da fé, aprendendo as línguas moçambicanas que depois seguiram com a evangelização e educação destas comunidades, estamos perante Educação Missionária. Em terceiro lugar, foi quando os moçambicanos alcançaram a sua independência e uma vez que o processo educativo encontrava-se nas mãos dos portugueses e estes tendo sido regressados à sua pátria, começa com muitos problemas de encontrar quadros qualificados que pudessem tomar o processo educativo para diante. Para tal, foram recrutados os estudantes da geração 8 de Março para cobrir com a formação, mesmo sem vocação para docência. Como resultado, assistiu-se uma educação não a altura desejada com muitas reprovações bem como os

problemas da rede escolar. Isto obrigou a mudanças curriculares, novas políticas educativas devido ao aparecimento dos doadores que ditaram suas políticas (a massificação e educação para todos) estamos perante a Educação Liberal.

Diante deste percurso, levantamos como questões fundamentais as seguintes: até que ponto, a educação e os valores contribuíram para libertação do Homem negro na modernidade? Como apreender e revalorizar as nossas referências axiológicas africanas esquecidas ou omitidas pelo europeu? Que educação para os negros inseridos numa sociedade multicultural?

As leituras feitas sobretudo na obra “Estatuto e Axiologia da Educação: O Paradigmático Questionamento da Missão Suíça” de Severino Ngoenha e aos outros autores moçambicanos como José P. Castiano e António Cipriano P. Gonçalves, ligados a Educação em Moçambique, constituíram o motivo da escolha deste tema. O trabalho é relevante porque irá contribuir para a compreensão rápida sobre as nossas referências axiológicas e educativas em Moçambique, bem como as propostas de melhoramento deste processo na modernidade.

Esta pesquisa tem como objectivos reflectir sobre Axiologia e Educação em Ngoenha como substrato libertário do homem negro na modernidade; contextualizar o autor; apresentar as contradições dos valores da educação africana diante da modernidade; e identificar as críticas a Axiologia e Educação em Ngoenha, bem como a condição libertária do Homem negro na modernidade.

Para a elaboração deste trabalho recorremos na consulta das referências bibliográficas existentes ligadas ao tema e o método hermenêutico que facilitou-nos na interpretação da obra do autor e entre outras por nós escolhidas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Severino Elias Ngoenha, nasceu em 1962 em Maputo, Bacharel em Teologia, Doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana em Roma. Em 2010, integrou-se ao Departamento de Filosofia da Universidade Pedagógica em Moçambique. Professor Ngoenha é Reitor da Universidade Técnica de Moçambique, desde Janeiro de 2015.

Possui uma vasta experiência em pesquisas/ Investigação, avaliação de Projectos e docência, tendo leccionado os graus de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento em diversas Universidades Nacionais e Internacionais como: Universidade Pedagógica, Universidade Eduardo Mondlane, São Tomas de Moçambique, Instituto Superior de Relações Internacionais – Maputo, Universidade Gregoriana de Roma, Universidade de Lausanne-Suíça, Universidade de Bolonha onde estas estrangeiras, trabalha como Professor Associado.

Ele possui domínio nas áreas de Filosofia Africana, Filosofia Política, Políticas da Educação, Consultoria e estudos de Programas Curriculares de Ensino Superior. É docente nas disciplinas de Filosofia da Educação, Filosofia Africana, Interculturalidade e Filosofia Política.

Ele é autor de várias publicações a destacar: O Retorno de Bom Selvagem, Das Independências às Liberdades, Por uma Dimensão Moçambicana da Consciência Histórica, Duas Interpretações Filosóficas de Vico e Voltaire do Século XVII, Tempos de Filosofia, Mukachanadas, A Longa Marcha duma Educação para Todos em Moçambique, Samora Machel Icon da Primeira República?, Intercultura, Alternativa à Governação Biopolítica, Estatuto e Axiologia da Educação: o Paradigmático Questionamento da Missão Suíça. Pensamento Engajado, Terceira Questão, Barómetro da Educação Básica em Moçambique, Resistir Abadon entre outros livros.

3 AS CONTRADIÇÕES DOS VALORES DA EDUCAÇÃO AFRICANA DIANTE DA MODERNIDADE

África em geral e em particular Moçambique, os seus habitantes possuem seus sistemas típicos de transmissão de valores, o chamado ritos de iniciação ou educação tradicional. Ora, esta educação na sua essência corresponde aos valores da maioria ou grupais e as condições sócio-culturais. Aqui o jovem era ensinado a conhecer a cultura e a saber respeitar os outros, sobretudo, os mais velhos e aprendia de igual forma as danças e a música como Ngoenha aponta:

A educação tradicional corresponde sempre aos valores dos grupos e as condições sócio-culturais (cultura material e espiritual), às quais os grupos

deveriam dar resposta. Para além dos valores e das suas garantias meta-sociais, os grupos ensinavam os jovens a conhecer a cultura material sobre a qual deveriam agir, os relacionamentos hierárquicos no interior dos grupos, uma ética social, mas actividades integradoras como as danças, a música, etc [...]. (NGOENHA, 2000, p. 45).

Esta educação que nos referimos, no seu âmbito africano tem um carácter colectivo e social, com uma relação bem íntima com a sua vida social e nas suas dimensões material e social. Todavia, a tal educação foi uma questão, desde a origem do pensamento africano nas diásporas americanas, com enfoque a liberdade como preocupação dos negros.

Como percebermos o aspecto da liberdade que preocupava os negros diaspóricos? Que implicação o conceito liberdade pode oferecer na ética da responsabilidade? O filósofo moçambicano Ngoenha, recorre ao Booker Washington e explica que os ingleses resolveram a questão da saúde, da educação e do vestuário, etc. e “para Booker Washington o valor “liberdade” está intrinsecamente ligado a questão da solução de problemas práticos sem os quais tal “liberdade” não terá sentido; e a educação tem como função dotar os negros dos instrumentos intelectuais e práticos para fazer frente aos problemas existenciais o que teria como consequência, a integração na sociedades americana” (Ibid. p. 45).

Ngoenha vai ainda ao Du Bois que teria compreendido o pensamento de Booker Washington sobre a necessidade de se ter uma elite capaz de levar a bom termo sobre as políticas educativas e para “Du Bois acrescenta dizendo que o que a liberdade comporta em termos de responsabilidade, não se pode limitar a questões práticas, mas é necessário adequar a prática educativa aos imperativos da sociedade global na qual a comunidade negro está inserida” (Idem p.46).

No entanto, esta toda articulação não era para os negros inventarem técnicas de trabalho, mas aprenderem os mecanismos de integração social dos que já tem experiências (os dominantes).

Ainda mais adiante e ligado a educação tradicional ou valores tradicionais, Ngoenha convida Kwame Nkrumah no seu Consciencismo de (1969) e este, “vê nos valores tradicionais uma superstição a combater e ultrapassar” e um outro chamado ao debate foi Peter Abrams na *Coroa para Udomo* (1973) que aceita “os valores ocidentais

como os únicos capazes de levar a bom termo o desafio africano pela liberdade”. Para ele, “o valor liberdade depende da nossa capacidade de adaptar os valores dos europeus” e para o camaronês Marcien Towa sentencia que “a sobrevivência da África dependia do abandono das suas tradições e adesão aos valores da modernidade” (Idem, p. 47).

Portanto, são essas contradições fortes que nortearam a educação em África, de tal modo que mesmo aos pensamentos dos moçambicanos como Eduardo Mondlane e Samora Machel e outros eram da opção anti-tradicionalistas, onde o primeiro Presidente de Moçambique em seus comícios sempre pautou por expressão “abaixo o tradicionalismo” entra outras que deitava a baixo todo um mosaico dos valores culturais africanos em detrimento a modernidade.

4 CRÍTICAS A AXIOLOGIA E EDUCAÇÃO EM NGOENHA

Para esta abordagem, Ngoenha parte da seguinte tese: *a Missão Suíça transmitiu os valores Bíblicos e criou uma identidade tsonga*. Que depois mostra oito argumentos da construção da tal tese a começar com a moçambicanidade; Os valores educacionais ancorados na Educação tradicional, missionária, nacionalista e liberal; A Educação deveria contribuir para a realização económica das pessoas; O Evangelho e o desrespeito são pontos de convergência e divergência entre missionário suíço e colonial; O eurocristianismo missionário desqualifica as culturas africanas; A língua Tsonga passa a ser de referência; O projecto político missionário colide com o projecto português; e por último traz os valores para melhorar a qualidade de ensino.

É com base nesses argumentos que iremos tentar compreender o pensamento que o nosso autor tentou alavancar ou alicerçar o aspecto da axiologia e educação em Moçambique.

4.1 A Axiologia

Na componente axiologia, Ngoenha constata a questão de abandono aos valores tradicionais aquando a chegada dos europeus em África e em particular

Moçambique, bem como nos referimos acima sobre as contradições movidas pelos africanos ligados a matéria de valores tradicionais e modernidade. Lembremos de Booker Washington, Du Bois, Kwame Nkrumah, Peter Abrams, Marcien Towa e inclusive moçambicanos como Eduardo Mondlane e Samora Machel. E diante deste abandono aos valores tradicionais e da modernidade estalada, como trazê-los de volta? Como avaliar o encontro entre o Ocidente e África na perspectiva axiológica?

4.1.1 A cultura e os valores renegados

Na verdade com a vinda dos europeus em toda África e em particular Moçambique assistiu-se neste âmbito do encontro cultural, o desprezo e abandono da cultura africana e seus valores. O homem negro foi incutido a racionalidade de rejeitar a sua própria cultura e valores que lhes constituía como negro; por um lado, para assimilar a educação colonial europeia e por outro lado, ter uma civilização.

Segundo Ngoenha (2000, p. 131) e

[...] na linguagem dos missionários recém-chegados no continente, os africanos aparecem como negros, cafres, selvagens, preguiçosos, ladrões. Logo à chegada, os missionários utilizam os negros para transportarem os seus bens. A terra africana, os seus homens e os seus costumes são denegridos através de uma comparação com a 'beleza e o progresso da Suíça e da Europa' [...].

O negro moçambicano devia assimilar tudo que era próprio dos africanos como valores culturais e inclusive a dança, o canto, a música, a arte cénica, a escultura e o respeito aos mais velhos. Todavia, estes valores foram-lhes postos em causa em detrimento aos ocidentais.

Paradoxalmente, os missionários suíços trouxeram uma versão provavelmente interessante, aquando estes, após às suas chegadas se interessavam primeiro pela língua dos nativos para poderem evangelizar. “Em vez do inglês ou do português, os missionários vão se meter na escola da língua indígena. Quer dizer que antes de transmitir a palavra de Deus aos guambas, eles vão ter que aprender destes os meios filológicos da transmissão da palavra” (Idem, p. 135). E de referir que na relação pedagógica missionário-guamba, estes foram os primeiros alunos dos guambas e só depois de aperfeiçoarem a língua ficaram mestres.

A preocupação fundamental hoje é a questão da educação para os negros inseridos numa sociedade multicultural. Como aprender a dominar as técnicas do grupo dominante e as nossas referências axiológicas africanas esquecidas ou omitidas com o tempo? E como libertar-se na sua condição de homens sem cultura e com valores renegados? Será que a educação irá ser condição suficiente para libertar este homem?

4.2 A Educação

A educação é a via predilecta e legítima de transmissão de todo um mosaico cultural de qualquer povo, mesmo na condição de dominado como não, ela proporciona uma intencionalidade e é comum a todos membros da comunidade.

4.2.1 A educação tradicional informal

A educação tradicional é o termo que os europeus apelidaram a toda forma de transmissão cultural e de conhecimentos operados em África pelos africanos.

Na visão de Ngoenha, esta educação tinha a pretensão de

[...] corresponder sempre os valores dos grupos e as condições sócio-culturais (cultura material e espiritual), as quais os grupos deveriam dar resposta. Para além dos valores os grupos ensinavam os jovens a conhecer a cultura material sobre a qual deveriam agir, os relacionamentos hierárquicos no interior dos grupos, uma ética social, mas também actividades integradas como as danças, a música, etc. (NGOENHA, 2000, p. 45).

Para António Cipriano Gonçalves, o termo educação tradicional é questionável, mas que “induz a que se considere que havia uma modalidade de educação instituída nas formas de vida dos povos bantu, acontecendo em espaços e tempos determinados” e para Hampaté Bâ sobre “os processos educativos dos povos que vivem no Sul de Sahara a sua transmissão do saber pelo ancião e o conteúdo de transmissão, ambos dependiam das circunstâncias e do auditório” (HAMPATÉ BÂ 1997 *apud* GONÇALVES, 2011, p. 94).

Para este autor aponta o exemplo desta educação no norte de Moçambique o caso dos ritos de iniciação que ocorrem em espaços próprio ou privilegiados e ligados a educação ética.

Nem todo o aprendizado da referida educação é reservado a esses momentos especiais. O cotidiano da vida familiar e social dependendo das circunstâncias, também é uma ocasião propícia para se proceder a educação ética dos membros da comunidade. Mesmo não instituída, a dita educação tradicional transmite uma determinada concepção de mundo, visando garantir a coesão social (GONÇALVES, 2011, p. 95).

O que se assistiu nesta educação e devido a forma brutal da situação que para o nosso autor chama atenção

[...] à dissolução mais ou menos rápida da origem antiga, fundada sob primazia do religioso sobre o social e sobre o político, dos anciãos sobre os mais novos e da comunidade sobre o indivíduo. A brutalidade da nova situação é tal que semeia uma grande desordem não só na vida social e nas instituições, mas, sobretudo, nos espíritos e nas mentalidades [...] (NGOENHA, 2000, p. 48).

Portanto, a educação tradicional deve ser vista como base para compreendermos as outras formas educativas modernas, ela era ministrada pelos anciãos e garantia a coesão social na comunidade e na sociedade em geral.

Hoje, a modernidade dita sua maneira sobre a questão da educação tradicional. Odera Oruka (1997), citado por Castiano não expressa directamente, mas denomina *philosophical sagacity* ao saber dos filósofos endógeno/indígena como sendo tradicional e periférico sem legitimidade para poder circular com igual direito nas instituições formais de ensino (Cfr. CASTIANO, 2013:8).

Entretanto, os nossos sábios embora tenham conhecimentos endógeno/indígena, mas o que nos interessa são o reconhecimento e consideração deste saberes ao nível do ensino e na formação do homem de amanhã.

4.2.2 A educação missionária

A colonização da África e a queda dos últimos reinos africanos no fim do século XIX, obrigou aos colonos a criarem instituições educativas. Esta colonização era motivada por razões políticas e económicas das potências imperialistas. Face a estes

objectivos assiste-se a ocupação efectiva das terras africanas e a protecção dos indígenas, dos viajantes e dos missionários.

Lembremos das conferências de Bruxelas 1876 e de Berlim 1885, que ditaram fortemente a questão da ocupação efectiva. Todavia, ao falarmos desta educação missionaria importa entender que ela dentro da colonização, foi fruto destas conferências que definiram que as colónias deviam usar as Missões para fins imperialistas; mas “Portugal, sem as ordens religiosas, encontrava-se completamente incapaz de responder as exigências do acordo de Berlim de ocupação efectiva e tinha que ver as suas colónias cristianizadas.” Ainda “Portugal como signatário do Acto Geral da conferência, não tinha nenhuma possibilidade legal de impedir a cristianização de Moçambique por Missões de potências concorrentes.” Desta feita, “Portugal esta a perder terreno em Moçambique e sofria com os ataques das conquistas ingleses, através da terra dos Matabeles entre Gaza e Manica. Tratava-se de terras abandonadas pelos portugueses e que os ingleses reivindicariam através da ocupação dos seus missionários” (NGOENHA, 2000, p. 63).

Com a iniciativa de reorganizar as Missões por Henrique de Barros Gomes que na altura era Ministro Interino da Marinha, em 1887 surge a Junta Geral das Missões, onde o governo de Lisboa começou a conceder subsídios a algumas Missões. No entanto, as relações entre o governo português e a Igreja católica não eram boas, até chegou a extinguir as Missões religiosas como os jesuítas e criação de ordens seculares.

As convulsões político-religiosas ou vala colonial-missionárias trouxeram repercussões ao sistema educativo. Para “António Enes, a congregação das Missões portuguesas deveria ser subordinada ao governo Português e estaria destinada a preparar pessoal e a habilitá-lo para a propagação religiosa e para o professorado primário na colónia de Moçambique”. Não obstante o “Vaticano interveio ordenando as congregações religiosas a não apresentarem os estatutos regidos pelo governo” (Idem, p. 69-70).

Todavia, até 1834 o processo da educação em todo o Ultramar português, estava exclusivamente nas ordens religiosas. Os educadores eram os sacerdotes e “os valores que a educação pretendia transmitir eram religiosos mediatizados por uma

filosofia evolucionista e iluminista [...] e em Moçambique este período a educação estava nas mãos dos Jesuítas e Dominicanos de diferentes nacionalidades” (Ibid. p 70). Importa lembrar que “em termos comparativos a rede tecida pelo regime colonial em Moçambique era das mais fracas da África colonial que só compreendia a zona costeira” e face ao campo missionário “a educação em Moçambique estava subordinada à zona eclesiástica de Goa” (Ibid. p 70).

Com a fragilidade da educação levada acabo pelos educadores missionários, permitiu a deterioração deste tecido e como consequência a expulsão dos Jesuítas no século XVIII por Marquês de Pombal de Lisboa, daí o estado toma conta da missão educativa. Mas, para se ocupar dela, o estado cria ordens seculares, isto é, leigos e mal preparados para o ensino laico. Com isto, a educação encontra problemas de infra-estruturas e definição clara dos valores.

A demais, com “as exigências internacionais da ocupação efectiva e da liberdade religiosa, associadas aos imperativos internos da nacionalização dos indígenas, o sistema de educação foi demonstrando-se ulteriormente fraco e inadequado” (Idem, p. 71).

Como consequência disto assiste-se uma obrigatoriedade de ensino de língua portuguesa e só a religião é que podia ser ensinada e línguas indígenas. Seguiu-se também a uniformização dos programas de ensino da Metrópole com as terras Ultramarinas portuguesas. Desta maneira, “o francês, o estudo dos rios, da história, do clima, dos produtos agrícolas e tudo que revela da cultura material era uniformizado, preparando assim os alunos a integrarem a vida da Metrópole e não a serem aptos a responderem aos desafios que lhes lançava a cultura material dos países Ultramar” (Idem, p. 73).

Uma outra consequência da uniformização foi a instituição da contradição do ensino rudimentar que era destinado especialmente aos indígenas, mas que na verdade este sistema favorecia as crianças portuguesas devido a língua portuguesa como materna e as crianças nativas obrigadas a aprender a ler e a escrever numa língua estrangeira ou não sua. Claramente a criança nativa encontrava muitas dificuldades e como resultado não assimilação dos conteúdos e muitas reprovações.

Um outrossim, constata-se ao nível de valores, esta educação tinha a pretensão de afastar as crianças do seu habitat natural e a aproximá-las de valores portugueses.

Portanto, vasculhando sobre os escritos coloniais em relação a questão educacional e olhando para Moçambique encontramos a **educação missionária**, como “a máquina educativa colonial, que não era para favorecer os moçambicanos, mas para permitir que os portugueses pudessem reintegrar um sistema português sem serem penalizados” (Idem, p. 76).

Face a abordagem acima, será que a educação missionária foi libertadora? Contudo, o sistema educativo não queria responder os imperativos internos do nosso belo Moçambique nem a vontade portuguesa, mas à imperativos de luta colonial vindo de exterior.

4.2.3 A educação nacionalista

Com a Independência de Moçambique de 1975, o governo nacionalizou o ensino num período em que não tinha meios para garantir a escolarização adequada. Na verdade, o governo não tinha quadros (professores) formados e escolas para responder as necessidades educativas do tempo. O ensino que foi ministrado neste período era fraco em relação ao outrora sistema colonial e dos privados de educação. Mas, com o ganho da independência, a preocupação do então governo era de criar uma nação moçambicana e a educação tinha a finalidade do tal nacionalismo moçambicano.

Os desafios que esta moçambicanidade tinha não eram de conteúdos educativos, mas simplesmente de estender a rede escolar e veicular a mensagem de pertença a uma nação moçambicana. No entanto, a educação deveria preocupar-se na “preparação dos moçambicanos para tarefas inerentes aos problemas reais e concretos com que o homem de Moçambique seria confrontado” (NGOENHA, 2000, p. 78).

Lembremos que a pertença a nação é feita a partir dos valores e se verificarmos a nossa identidade foi histórica e política e com a educação a jogar um papel enorme como Ngoenha refere:

Sobre os ombros da educação estava a árdua tarefa de cimentar os pressupostos axiológicos de pertença à nação, de combate ao tribalismo, de enraizar cada homem e mulher na terra moçambicana; dar os instrumentos que permitiram responder ao que a liberdade implicava em termos de responsabilidade; preparar médicos, engenheiros, técnicos, comerciantes, construtores, professores, etc [...]. (Idem, p. 78-79).

E como poderia educar homens sem professores com formação e sem recursos financeiros? Entende-se que educar a moçambicanidade era tarefa política e logo a educação aliava-se ao elemento ideológico. Com isto, ficava franco que a educação respondia aos imperativos políticos do que as exigências sociais. Visivelmente com esta posição só colhemos deméritos de tipo a educação colonial. Mesmo na estruturação seguimos o esquema colonial: escola primária, preparatória, liceu, comercial ou industrial e universidade.

Portanto, o país deveria orientar-se aos exemplos das escolas missionárias que tinham o ensino técnico e artes ofícios como necessidade prática e social, bem como trazer o acasalamento entre o saber tradicional e as práticas modernas com vista ao melhoramento do processo educativo que herdamos com muitos problemas. “O que a nível de educação foi mais grave era que os valores que tal educação deve veicular não são pensados nem em Moçambique, nem em função dos valores da moçambicanidade” (NGOENHA, 2000, p. 81).

4.2.4 A educação liberal

Foi a partir daquele ano que o Banco Mundial entra em Moçambique e consequentemente influencia as políticas educativas. Estamos perante uma fase em que a educação centra-se nos valores “da democracia e do liberalismo, que supõe participação, mas também iniciativa” (NGOENHA, 2000, p. 82).

Aqui a nova estrutura não se limitou em reestruturar o que foi destruído pela guerra, mas projecta uma educação mais prática, mais realista e, sobretudo uma educação que propõe utilizar a base linguística das populações moçambicanas. Seguiu se um pouco do positivo das missões outrora deixaram como legado social.

4.2.5 A contribuição da educação em geral

Em geral a educação tem um enorme contributo para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e físicas num contexto de socialização e de uma adaptação aos valores morais e sociais ou vala das normas da transmissão de herança cultural.

Vários estudos efectuados em Moçambique revelam que até 1975 período da sua Independência mais de 90% da população era analfabeta. A década seguinte foi tida como o momento de assegurar a educação como instrumento para diminuição do índice de pobreza e luta contra o subdesenvolvimento. Isto em Moçambique “permitiu que não obstante um aumento demográfico, a política de educação conseguisse reduzir a percentagem de analfabetos a 55%” [...]” (Cfr. CASTIANO; NGOENHA; GURO, 2012, p. 31) alinhando-se ao que se chamou de massificação e sendo “viciado no seu avanço por aporias que ainda hoje constituem obstáculos em termos de competências de leitura e escrita que vão da escola primária até ao ensino universitário” (Cfr. CASTIANO; NGOENHA; GURO, 2012, p. 31).

Todavia, esta massificação da educação começou logo depois de grande parte de professores portugueses terem abandonado o nosso território. E como solução “foi de mobilizar estudantes moçambicanos que estavam no 6º e 7º anos, sem grande preparação didáctico-pedagógica para abraçarem a carreira de professores: a chamada geração 8 de Março” (Ibid. p. 31). De lembrar que deste grupo nem todos tinham as capacidades e vocação pedagógica, razão pela qual gerações educadas até então, sofrendo muitos problemas ou défices epistemológicos na leitura e escrita. No entanto, esta angústia de falta de competências epistemológicas repercutiu em todos níveis do sistema educacional e consequentemente na cultura de leitura e na comunicação da língua portuguesa. E como libertar-se das angústias sem progressos desejados?

Com as angústias, assistimos em algumas cidades o incremento de escolas privadas e internacionais que vieram ajudar as enchentes ou as superlotações das salas de aulas. Mas “os valores transmitidos nestas escolas não corroboraram necessariamente ao incremento da moçambicanidade nos aspectos histórico, axiológico e sociológico”. Portanto, independentemente das circunstâncias educativas que passamos, “a educação moçambicana carece de uma educação à cidadania na

qual cada um interiorize que a melhoria das condições individuais e colectivas passa necessariamente pelo trabalho dos próprios moçambicanos e pela contribuição dos mesmos às receitas do Estado” (Ibid. p. 39).

De facto, face ao problema de massificação da educação em Moçambique nas formas como foi pensada e implementada pode-se dizer que foi necessária, mas que não foi bem acompanhada para questões da melhoria de qualidade, quer em infra-estruturas escolares, quer na formação dos professores, mostrando-se assim, uma fraqueza na política educativa. Na verdade o Sistema Nacional de Educação para poder melhorar, precisa de inspirar-se na intercultura como condição para sua libertação.

5 A CONDIÇÃO LIBERTÁRIA DO HOMEM NEGRO NA MODERNIDADE

A condição libertária do Homem negro hoje, subescreve-se nos discursos de devolução dos seus valores que no outrora renegados e no aspecto educativo que então não obedecia ao cunho africano, mas virada a metrópole.

5.1 Discurso Axiológico

O discurso axiológico é fundamental na medida em que versamos no aspecto da condição libertária do Homem na modernidade, visto que é sua condição primária, para além das demais condições, como por exemplo a educação. Hoje a sociedade moçambicana é híbrida, isto é, reveste-se de valores tradicionais africanos e da modernidade ocidental. Mas atenção, face aos valores da modernidade ocidental, precisamos agir com consciência boa, isso importa sabermos seleccionar o que é bom da modernidade por forma a solidificarmos o que é da moçambicanidade.

Na reflexão aos valores, precisamos bastante da língua como factor da libertação deste homem. É da língua que observamos o mundo e Ngoenha aponta o seguinte:

Se a língua é a janela através da qual se olha para o mundo, as crianças falantes de duas línguas, teriam culturalmente, para além das vantagens de aprendizagem, uma abertura para o mundo; ao mesmo tempo, um maior

respeito, amor e acatamento pelos próprios valores e pelos valores dos próprios pais (NGOENHA, 2000, p. 211-212).

Portanto, a este campo de discurso, importa compreender que Moçambique é vasto e rico culturalmente, mas que precisamos de transmitir este vasto mosaico cultural: nas artes, nas músicas, na gastronomia, na veste, nos ritos de possessão, na escultura, na timbila, nos ensinamentos da ecologia dos lugares, da terra, das plantas, dos animais, da ética dos grupos um amor à pertença como membros integrados da sociedade moçambicana.

5.2 Discurso Educativo

O discurso sobre a educação hoje, está muito mais ligado à política e a planos do governo no poder. Todos governantes (políticos) falam ou estão concentrados no discurso da ‘melhoria da qualidade de ensino’ e no ‘alargamento da rede escolar’. Mas esta melhoria qualidade segundo Ngoenha (2000) só limita-se ao ponto de vista pedagógico e quanto ao alargamento da rede escolar sujeita a um discurso eleitoralista. Que ainda nas suas palavras, isto serve como evidências de modo a mostrar as conquistas ou esforços do governo para a melhoria das condições de vida das populações. Ainda em Moçambique, diz o nosso autor que as reflexões da educação confinam-se a círculos ligados a governo e a doadores internacionais (cfr. NGOENHA, 2000).

Entretanto, falta o alargamento desta abordagem para o âmbito teórico que não tem compromissos eleitorais nem ideológicos e nem históricos. A educação no nosso país, pretende um reparo na sua globalidade e no quadro das suas condições concretas em relação ao vivido.

Na verdade, a educação deve assentar-se em três pilares fundamentais a saber: cultural, económico e político. No primeiro percebemos como a base sobre os valores instituídos de uma sociedade, na qual em Moçambique as normas são híbridas com apoio a tradição africana e da modernidade ocidental; o segundo também é essencial, quando falamos de quantidade e qualidade das estruturas educativas que dependem bastante do capital financeiro que o Estado e as populações são capazes de investir; o terceiro e último pilar subordina-se a políticas educativas onde esta a questão

de organização institucional do âmbito educativo. Todavia, vivemos hoje as emergências do sector privado e de actores locais que também estão preocupados com a educação e aos novos imperativos políticos, económicos e sociais.

Face aos desafios modernos, podemos dizer que foi na educação, o primeiro sector a perder a sua autonomia em termos de elaboração de políticas. Ora, é na educação onde encontramos necessariamente o valor social e independentemente das condições em que vivemos. O que queremos dizer, é adequar a educação as nossas condições específicas. Para Ngoenha “as políticas de educação têm, necessariamente, que ser precedidas pelos valores que uma dada sociedade pretende transmitir aos seus cidadãos” e se seguirmos aos projectos da educação o nosso autor continua dizendo que são “projectos sujeitos às vicissitudes e mudanças políticas de organizações doadoras” bem como as “ajudas externas, no fundo não tem nenhuma sustentabilidade; é necessário apostar-se num incremento económico nacional, susceptível, num futuro próximo, de sustentar a educação e aos outros sectores sociais” (Idem, p.204 e 206).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta abordagem, concluímos dizendo que Axiologia e Educação são sem dúvidas os marcos necessários da condição libertária do Homem negro na modernidade. É verdade que Axiologia e Educação como condição em Moçambique, passou por várias etapas a começar com a negação dos nossos próprios valores como africanos e moçambicanos em particular para ter ou ganhar uma cultura europeia portuguesa. A educação colonial não ajudou aos moçambicanos na perspectiva cultural nem na perspectiva académica ou intelectual porque foi discriminatória. Mas a educação Missionária e sobretudo da Missão Suíça no Sul de Moçambique foi a que ajudou aos nativos a libertarem-se do jugo colonial e epistemologicamente. A educação nacionalista falhou devido aos programas e a qualidades dos próprios professores que não tinham vocação e formação para docência.

Portanto, a educação para os negros, quiçá moçambicanos é a via fundamental de reflexo da acção cultural para a libertação da sua condição como homens renegados a liberdade e esta não pode estar restrita a uma teoria verbalista

sem acção. A acção educativa deve ser construída com bases na práxis humana reflexiva. A libertação dos homens só pode acontecer numa relação que promove a comunhão entre todas as partes e desmistificando o pensamento ocidental através da desobediência epistemológica.

Moçambique é vasto e rico culturalmente, mas o que precisamos é transmitir este vasto mosaico cultural: nas artes, nas músicas, na gastronomia, na veste, nos ritos de posseção, na escultura, na timbila, nos ensinamentos da ecologia dos lugares, da terra, das plantas, dos animais, da ética dos grupos um amor à pertença como membros integrados da sociedade moçambicana.

O que se exige de nós são as leituras sérias, pesquisas constantes para o desenvolvimento da actividade educativa que ao mesmo tempo é prazerosa, porque abre caminhos para pensar a educação, mas também exige responsabilidade, pois ousar discutir as ideias de Ngoenha é por si só um desafio que nos remete a dedicação e competência.

REFERÊNCIAS

CASTIANO, José P. **Os Saberes Locais na Academia**: Condições e Possibilidades da sua Legitimação. Maputo: Educar/CEMEC, 2013.

CASTIANO, José P.; NGOENHA, Severino E.; GURU, Manuel Z. **O Barómetro da Educação Básica em Moçambique**: Estudo Piloto sobre a Qualidade da Educação. Maputo: ISOED, 2012.

GONÇALVES, António Cipriano P. **Educação, Modernidade e Crise Ética em Moçambique**. Maputo: Dondza Editora, 2011.

NGOENHA, Severino Elias. **Estatuto e Axiologia da Educação**: O Paradigmático Questionamento da Missão Suíça. Maputo: Livraria Universitária, 2000.